AVEIRO, 3 DE JUNHO DE 1977 — ANO XXIII — NÚMERO 1163

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 4$00

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Uma evocação de FERREIRA DE CASTRO

Presidida pelo Secretário de Estado da Orientação Pedagógica, realizou-se, no dia 24 de Maio passado, em Oliveira de Azeméis, uma sessão destinada à entrega dos galardões atribuidos aos concorrentes ao «Prémio Nacional de Literatura Juvenil». Foi orador, entre outros, o Dr. Manuel da Costa e Melo, Governador Civil do Distrito de Aveiro, que proferiu ali as expressivas palavras que a seguir damos à estampa, e em que é evocado o inesquecível vulto de FERREIRA DE CASTRO.

Quero agradecer ao povo de Ossela e Azeméis e em especial à Comissão Organizadora desta consagração activa da memória de Ferreira de Castro, o contributo que ela representa para a obra a que todos os portugueses estão, ou deveriam estar, votados.

Consagrar um artista que só deixou de ser cidadão quando na própria Pátria o impediram, é tarefa cívica a que o Governo não pode nem deve ser indiferente. Mas se essa consagração se consubstancia num fermento de vocações, aberto à juventude, essa tarefa atinge a grandeza das sementeiras.

Por isso se agradece oficialmente o contributo e se pede licença para que o cidadão simples e o homem sensível que sou, abra a sua alma e envaidecido pela honra que lhe cabe, diga como tal algumas palavras.

É o que vou fazer:

Quando um dia já distante, quase para lá do tempo, Ferreira de Castro foi de longada até Aveiro a adquirir documento que permitisse ao corpo, ainda inacabado de criança, o voar para além da terra de seu berço, não sei se era já o sentido universalista de um todo a manifestar-se.

Creio bem que sim.

E porque muitos de vós certamente desconhecem essa página das suas memórias, que quis escrever em 1956 na «Mensagem aos Democratas de Aveiro» julgo devê-la por porque é exemplar de modéstia e de sonho, de rastejar humilde e de voo altaneiro.

«Com efeito, lembro-me ainda do dia, já tão distante, em que aparecí, com doze anos apenas, de olhos baixos e gestos curtos, tímido dentro dum desses fatos de aldeia, que eram sempre mais pequenos que o corpo, na Praça José Estêvão, onde nessa época se encontrava o Governo Civil, para tirar um documento de naturalidade, um elemento de expatriação e de funda saudade pela terra nativa — o meu passaporte.

Nessa mensagem brota, limpidamente, o amor à terra nativa mas

Continua na página 3

Litoral

Os feriados das próximas quinta e sexta-feiras, 9 e 10, respectivamente «Dia do Corpo de Deus» e «Dia de Camões», e, ainda, o facto de, desde há muito, os CTT não efectuarem distribuição de correspondências aos sábados, não nos possibilitam, nem à Tipografia onde este jornal é feito, a sua tempestiva edição.

Por esses imperativos, o próximo número do «Litoral» sairá com data de 17.

No Centenário do Nascimento de LOURENÇO PEIXINHO

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

O nosso amigo Eduardo Cerqueira — o homem que, segundo ele—conhece mais gente dentro dos muros dos cemitérios do que cá fora, evocou, no **Litoral**, a propósito do centenário do seu nascimento, um dos seus conhecidos que estão do lado de dentro e que foi um aveirense que sentiu, como poucos, uma paixão pela terra que o viu nascer: o Dr. Lourenço Peixinho.

E fê-lo à sua maneira, numa linguagem arrevesada, com o emprego de palavras fora do uso comum — e que ele sabe manobrar muito bem — mas que exigem, a quem o quiser ler, ter de pegar no dicionário e mascar, parágrafo a parágrafo, todo o seu conteúdo para se enfronhar no pensamento do autor.

Linguagem própria para ser lida e ouvida por cidadãos

Continua na pág. 5

NÃO ACONTECEU...

ARAÚJO E SÁ

CRIMINALIDADE

O aumento da criminalidade em Portugal constitui realidade incontestável e preocupante. Refiro-me, sobretudo, à criminalidade juvenil. Curioso e significativo que esta aumentou, assustadoramente, após a Revolução de Abril. Talvez mera coincidência! Não se vislumbram modificações convincentes e tranquilizantes no panorama do crime, o que vem constituindo motivo para sérias e justificáveis apreensões por parte de uma esmagadora maioria que não aceita que se mantenha o actual estado de coisas. Vive-se num ambiente de insegurança permanente, que não pode continuar. Quando, há anos, foi assaltada a agência do Banco de Portugal da Figueira da Foz «caiu o Carmo e a Trindade», esgotaram-se os jornais, correram rios de tinta, tudo ficou estarrecido e boqueaberto, como aconteceu quando a Televisão nos mostrou o homem a pisar a Lua pela primeira vez. Hoje, o assalto a um banco é notícia a que já ninguém liga a mais pequena importância, tamanha a vulgaridade. Ser-se assaltado e morto, em plena via pública, por um carteirista, é um episódio mais rotineiro do que o Benfica empatar com o Beira-Mar no campeonato nacional de futebol. Encontrar-se uma menor esfaqueada por um malandrim, após práticas sexuais reveladoras de instintos animalescos, é acontecimento mais vulgar do que

Continua na página 3

Em Aveiro NOVOS COMANDOS

• DISTRITAL DA PSP

Na tarde da última segunda-feira, o Comandante-Geral da P.S.P., General Neves Cardoso, conferiu posse ao novo Comandante Distrital de Aveiro daquela corporação, Major José de Almeida Nolasco Pinto, oficial que se encontrava colocado no Batalhão de Infantaria desta cidade.

Durante a cerimónia — realizada no gabinete do Comando Distrital, e a que assistiram o Governador Civil, os comandantes do Batalhão de Infantaria, do Distrito de Recrutamento Militar, da G.N.R., da G.F., o Capitão do Porto, diversos oficiais e o Capelão e o Médico do Comando — usaram da palavra o Comandante-Geral da P.S.P. e o Governador Civil, Dr. Manuel da Costa e Melo.

O General Neves Cardoso

Continua na página 4

FEIRA DO LIVRO

Cultura em carrocel

AFONSO SOUTO

À evidência de uma política cultural omissa, não pode desculpar a ausência da atitude de cultura. Pelo contrário, esse vácuo grave, exige a promoção de uma disposição criativa, que possibilite a partir dos polos, o aparecimento de um projecto coerente socialmente concretizável e não apenas oficialmente instituido. A indefinição de gabinete responsável, há que contrapor a responsabilidade de uma prática cultural concreta, bem definida nas suas ambições e finalidades.

A cultura não é pois, solúvel na inépcia, mas também não é miscível com a actividade falsa. Empreender realizações ditas ao seu serviço, sem compreender a exigência necessária e fugindo à dificuldade inerente, é materialmente um erro, por muito requinte que os formalismos consigam exibir, é socialmente erróneo, pela ilusão que oferece de uma vitalidade inexistente. Combater uma doença com um mau remédio, é agravá-la, enganando o doente; urge pois, escolhermos os antibióticos adequados.

Uma feira do livro não pode ser só fogo de artifício, antes deve alimentar a vivacidade da chama cultural, alastrando decisivamente; mas esta, é uma caixa de fósforos molhada; limita-se repetitivamente ao amontoar de livros e ao desconto monetário, equiparando-se simples e simploriamente a uma livraria com diferente horário. A vitalidade sugerida, não ultrapassa afinal, a mecanicidade de um hábito: construir três barracas na rua e vender mais barato. Certamente que a liberdade de que disfrutamos, tem de servir para algo mais, que não a cópia dos meios crónicos e das ideias senis, que provaram ser maleáveis ao aprisionar da cultura. Esta feira está fisicamente no local exacto, mas tem, lamentavelmente, a sua sua (in)orgânica no museu. A grande afluência de público, reforça a nossa ideia e tem dois significados: entra-se com um interesse grande e uma partici-

Continua na página 3

REGIÃO DO VOUGA

Uma intervenção na AR

No dia 27 do mês findo, o Deputado do PSD, pelo Círculo de Aveiro, Eng.º-Técnico Agrário Carvalho Ribeiro, de Águeda, relevou, na Assembleia da República, as potencialidades dos dezanove concelhos do nosso distrito, apontando a necessidade flagrante e premente do aproveitamento da Região do Vouga. Pela sua importância, transcrevemos, a seguir e na íntegra, as suas palavras.

Senhor Presidente

Senhores Deputados

O aproveitamento da Região do Vouga constitui uma iniciativa de necessidade flagrante, que se impõe, sob pena de continuarmos a desperdiçar, não só, as enormes potencialidades dos dezanove concelhos do distrito de Aveiro, como também, os recursos de toda uma vasta região, cujo desenvolvimento depende bastante do rasgar de uma via rápida que ligue o porto de Aveiro a Viseu, até à fronteira de Vilar Formoso. Via de acesso, que para além das evidentes vantagens para as Beiras e todo o Centro do País, abriria pistas inesgotáveis ao incremento do turismo em zonas serranas e predominan-

Continua na página 4

VII aniversário do CORAL VERA CRUZ

O prestigiado Coral Vera-Cruz, que tanto tem honrado Aveiro com o indesmentível valor das suas actuações, vai comemorar o seu VIII Aniversário.

Para assinalar tão grata efeméride, oferecerá hoje, sexta-feira, 3, às 21.30 horas, no Salão Cultural do Município, um concerto de aniversário, em que colaborarão os conceituados orfeões de Vagos e da Fábrica da Vista Alegre e em que será apresentada a sua Escola de Música e o seu Grupo Coral Infantil. As solenidades prosseguirão no próximo domingo, 5, com uma romagem ao Cemitério Sul, uma missa na igreja da Vera-Cruz e uma almoço de confraternização.

No próximo dia 10, o Coral aniversariante participará no Encontro de Coros que se realizará em Viana do Castelo e para o qual foi convidado dados os seus reconhecidos merecimentos.

CASAMENTO DE CONVENIÊNCIA

— Eles queriam que eu fosse o padrinho!

PRÉDIOS

Vendem-se, na Rua do Gravito, n.os 107 a 113. Recebe propostas Manuel Pais & Irmãos, Limitada, Av. Dr. Lourenço Peixinho, 104 — Aveiro.

ESTABELECIMENTO

Toma-se de aluguer ou por trespasse, no centro da cidade de Aveiro, com a área aproximada de 500 m2. Resposta para: Custódio Almeida, Rua 31 de Janeiro, 29 — Aveiro.

VENDA DIRECTA

COSMÉTICA

Precisa-se: senhoras com boa apresentação, presença e vontade de trabalhar nos tempos livres ou a tempo inteiro. Para todo o Distrito de Aveiro. Resposta a este jornal, ao n.º 28.

Uma evocação de FERREIRA DE CASTRO

Continuação da 1.ª página

também e em que grau, aquele sentido universalista de que falei e que foi uma das constante da sua vida. É que Ferreira de Castro era grande de mais para poder contentar-se com a pátria pequenina do seu nascer. Quis abraçar sempre a terra inteira e abraçou-a, primeiro pelo sonho que vivia com o seu olhar de criança quando subia aos outeiros, depois com o seu vagabundear de emigrante ou de trabalhador das letras, batendo às portas de todas as latitudes onde pressentisse beleza ou força que o atraisse.

Mas voltemos às suas palavras já que as nossas, de pobres que são, só teriam, se continuassem, o mérito de contrastar com a riqueza das suas, ainda daquela mensagem:

«Eu não sou bairrista, não sou regionalista; amo Portugal inteiro, a Europa inteira, o Mundo inteiro; amo profundamente o povo do nosso país, mas amo também toda a Humanidade».

E, mais adiante:

«Não sou nada disso a que me referi há pouco e, contudo, sinto-me contente por haver nascido no distrito de Aveiro. Contente porque a terra é maravilhosamente bela, duma beleza deslumbrante, variada, jamais repetida, desde as suas montanhas verde-escuras, por onde deslizam múrmuros arroios, aos vales onde o pão dos homens cresce vizinhando flores, muros floridos de lírios e malmequeres, janelas engalanadas de cravos e sardinheiras e de aí, através de mil relevos orográficos, duma gama infinita de cores, até às suas praias douradas, em frente dum mar onde os portugueses embarcam o seu drama e o sonho duma ventura que não podem ter na pátria».

E vem depois, como farol de fé e de exemplo, jamais desmentido, a expressão escrita do seu amor à Liberdade, força que então era, para ele e para nós, contida como daninha, para lá das grades que não deixavam voar e das mordaças que não deixavam falar.

Mas as asas de Ferreira de Castro conseguiam por vezes esse voar e esse falar porque era grande demais a sua força moral que ele queria fosse a de todos os homens.

Então demos-lhe o eco de uma publicação quase clandestina. Mas agora, aqui, junto de vós, gente de Ossela e de Azeméis ou de outros lados — que ele a todos amou — é tempo de entoar o hino que ele escreveu e que passo a ler-vos com a mesma ou ainda maior emoção que aquela que senti nesse ano já distante de 1956:

«Eu estou contente de haver nascido no distrito de Aveiro, porque o distrito de Aveiro ama a Liberdade. Portugal inteiro ama a Liberdade e não são poucos os sacrifícios que ele lhe tem devotado; mas, entre as regiões que a amam mais fervorosamente, o distrito de Aveiro ocupa sempre um dos primeiros lugares. Sabemo-lo nós e sabem-no até os inimigos da Liberdade. Muitas vezes tenho perguntado a mim próprio por que os habitantes destas aldeias do distrito, perdidas nas suas montanhas ou nas suas várzeas, gente humilde, em grande parte analfabeta, que trabalha de sol a sol e cuja única preocupação parece ser, pela própria força da sua miséria, o pão de cada dia, ama tanto a liberdade, ela que não pensou jamais chegar à glória ou ao governo?

Muitas vezes tenho perguntado isto a mim próprio e a resposta é sempre a mesma. Há, na história humana, muitos homens que sacrificaram os seus bens, a sua situação social, a sua própria vida pela liberdade; mas a liberdade é, sobretudo, um sentimento daqueles que não têm grandes bens a perder, que não exploram o seu semelhante, que vivem à margem das grandes operações financeiras, dos grandes negócios, das grandes transacções com o sangue e com o trabalho de outros homens.

Foi na terra em que nasci que esse sentimento, fundamental na minha vida, se inoculou em mim. Foi lá também, no vale álacre e inesquecível, que eu aprendi, desde os primeiros dias da minha existência, a conhecer o que é a vida do povo português que ama a liberdade, o que é a sua pobreza que se herda e lega como uma tara. Foi lá que se expos aos meus olhos, pela primeira vez, este grande problema do mundo contemporâneo, esta imensa injustiça social que pesa sobre a maioria dos homens e que é necessário que finde».

Ferreira de Castro, exemplo para a juventude e por isso seu prémio, não foi, porém, só aquele ser sensível e actuante que dele fizeram o artista e o cidadão.

Bem cedo começou a olhar o sofrimento e o quanto ele pode ter de conteúdo — fonte de inspiração para a criação artística. Só que em Ferreira de Castro essa inspiração nunca atingia o nível baixo da mera exploração insensível do tema fácil.

E não me ficará mal, aqui, referir uma sua obra, escrita em 1925, que muitos considerarão menor mas que ao tempo em que a li pela primeira vez, deixou um rasto de luz de que ainda hoje guardo alguns raios.

Refiro-me à «Morte redimida» novela baseada num facto histórico ocorrido entre uma actriz polaca, salvo erro, Stanislawa Umiuska, e um seu amante Juan Zinowsky ,escritor, que atacado de tuberculose e cancro, ela conseguiu matar, por piedade, libertando-o do sofrimento atroz que a ambos destruia.

O caso de eutanasia teve no Tribunal de Paris o epílogo heróico de uma absolvição e no penalista Jimenez de Asua, o apreciador técnico que o consagrou como exemplar, no livro, ele também exemplar, «Liberdade de Amar e Direito a Morrer».

Quando Ferreira de Castro, no pórtico da novela classifica de sacrifício lendário o gesto de matar praticado por Stanislawa Umiuska, grava uma síntese genial da força que o Amor e a Morte podem desenvolver de braço dado.

Em Ferreira de Castro só a dor é maior que o amor porque este sugere, sobretudo, como antídoto daquela, como força capaz de viver ao lado, a servir de lareira compensadora do sofrimento, a permitir a criação do artista para lá do «acerbo espinho» como diria Garrett.

EMIGRANTES será, talvez, a obra primeira de Ferreira de Castro e é-o, em minha desautorizada mas sincera opinião, porque mais que em qualquer outra se sente nela a tragédia vivida numa solidariedade de vários horizontes.

E é na dedicatória a Diana de Liz, na terceira edição, que se sente quanto precisa de amor o artista que permanece homem e se retalha, na carne do que sofreu, para criar a obra.

Surge, aí, claramente, a confissão de uma quase renúncia anterior face à necessidade que o artista por vezes tem de evocar a verdade por que passara.

Eporque é tempo de terminar não quero abusar da vossa paciência deixando-vos nos ouvidos palavras minhas. Serão dele, de Ferreira de Castro, e a ilustrar o que vos disse, aquelas que vos vou ler:

«Bastava-me evocar farrapos das minhas recordações destroços da minha vida, necessários à arquitectura da ficção, para sofrer como quando as vivera. E eu sofrera tanto perante a realidade, que, para não sofrer de novo, pela memória, muitas vezes pensei em renunciar. Mas tu estavas ao meu lado.

Estavas a aplaudir cada passo que eu dava na obra idealizada **e a envolver em carinho as minhas feridas antigas**, de novo abertas pela recordação».

Feira do Livro

Continuação da 1.ª página

papão latente, o que é aplaudível, mas sai-se impávido se a simulação resultou ou frustrado se a iniciativa desiludiu, o que é condenável. Esta festa não tem alegria, não tem ambições, não tem imaginação, não tem novidade; limita-se a assinar o ponto, a interpretar o papel, a ter forma. Despreza o seu conteúdo válido: fazer a cultura circular na rua. Aqui, porém, falta o motor! Como arranjá-lo?

Substituindo, por exemplo, a mera exposição sincrética e incaracterística, por uma apresentação de critério temático bem definido, que oriente claramente os eventuais interessados; realizando colóquios diários, sobre os diversos assuntos: filosofia, economia, história, política, religião, teatro, poesia, romance, arte, música, livro científico, etc., convidando especialistas, tentando assim cativar e responder às potencialidades culturais dos leitores, que de outro modo se mantêm isso mesmo: em potência. E por que não procurar trazer alguns autores portugueses representados na feira, proporcionando o diálogo e o contraste sempre curioso e interessante entre escritor-obra e leitor-mensagem? E se em vez dos cartazes publicitários das editoras presentes, se tentasse que os editores explicassem os seus preços, os seus problemas, a sua política bibliográfica? A feira é uma oportunidade flagrante para a investigação sociológica que se esquece: relacionar temas e autores com a proveniência classista e a ocupação profissional, determinar preferências, detectar carências, ouvir sugestões; tudo isto seria possível com inquéritos aos visitantes. Somos porém visitas de cerimónia, de um anfitrião que não convive. Paralelamente, poderiam realizar-es outras manifestações: desde peças de teatro ou declamação poética, passando pela pintura ao ar livre, até à atribuição de prémios a trabalhos escritos nas suas inúmeras modalidades e hipóteses, estimulando assim a criatividade; isto coordenando sempre a acividade e o livro. Porque há que compreender o carácter global e interdependente dos instrumentos da cultura, e aproveitá-los nessa medida; caso contrário, divide-se o que não é fracturável, restringe-se o que necessita ter conexão e ser dimensionado.

Estas são sugestões possíveis para uma feira diferente, interveniente, activa, aberta, sensibilizante, que obrigue à participação reflexiva, que ultrapasse o mono mostruário. Há que transitar da compra pelo menor preço, para uma que considere a maior qualidade. É urgente retirar a cultura do carrocel, do circuito fatal e fechado em que rodopia e não avança, do esquema obsoleto em que se apresenta.

Na luta por uma nova sociedade, a cultura se não é determinante, é pelo menos estruturalizante e condição necessária à sua concretização, pelo que não podemos realizá-la a partir de meios que a mutilam e neutralizam. O socialismo passa obrigatoriamente pela resolução do nosso problema cultural, mas além de analistas minuciosos e escrupulosos inventários, é preciso agir e materializar as aspirações constatadas. Porque a cultura começa já a ser um problema velho, estereotipado e sucessivamente adiado.

A feira do livro/77 é reflexo deste cancro.

Para o futuro, necessitamos de bons biólogos, que eliminem as células podres, reproduzam as saudáveis, vacinem pela base.

O livro não será só, então, uma exposição.

A cultura estará em acto!

AFONSO SOUTO

NÃO ACONTECEU...

Continuação da 1.ª página

saber-se a Serra da Estrela coberta de neve por alturas do Natal.

Ponho em dúvida que aqueles que seguram as rédeas da governança tenham encarado o problema com a devida profundidade e o necessário realismo. Retórica, poesia, superficialismos e baratas promessas no que toca à criminalidade, «não aconteceu» deixar de me parecer crime também! Assim, creio que determinados sectores aos quais se podem pedir contas ignoram, ou fingem ignorar, que a destruição das instituições de segurança incita e fomenta o crime. Talvez desconheçam que, quando a família e a escola se encontram abaladas, cresce, assustadoramente, a delinquência juvenil. Que se tem feito em defesa da família? Que medidas concretas foram tomadas tendentes a criar um ambiente escolar estruturado em normas aceitáveis? Saberá o Terreiro do Paço que a adolescência, por si só, é uma crise? Terão alguns Senhores Ministros conhecimento de que às dificuldades fisiológicas especificas da puberdade correspondem obstáculos de integração no meio familiar e social? Já alguém lhes terá dito que uma sociedade tecnizada que expulsa dos pacatos meios provincianos para os arranha-céus das grandes cidades é responsável pela delinquência dos jovens? Certos Senhores que conseguiram assento nos fofos cadeirões dos Ministérios terão ouvido dizer que o comportamento da juventude é influenciado pela concórdia familiar e pela ordem pública? Saberão que o adolescente tantas vezes se torna frio, apático, indiferente ou agressivo, unicamente porque nunca se sentiu amado, e quem não é amado não pode amar também? Não será verdade que os casais desavindos, e sobretudo divorciados, favorecem o fracasso dos filhos e a propensão para a delinquência juvenil? Que se tem feito para proibir a venda comercialesca, escandalosa e ultrajante de livros e de revistas que fomentam e estimulam a prática do crime? Que tipo de cinema é o oferecido à nossa juventude?

Às vezes, até convém que estas coisas se ignorem... Nem sempre é de «utilidade pública» escutarem-se tamanhas verdades... A ignorância é arma eficaz, em certos casos, para se atingir o poleiro... A surdez simulada é atitude propícia à não aceitação da culpa... A delinquência juvenil vem motivando (e às vezes até nem motiva!) unicamente o cárcere. É pouco! Em certas situações é contraproducente mesmo. Misturar, por detrás das grades de um presídio, o jovem e o cadastrado, é embrenhá-lo nos meandros do crime, é ensinar-lhe a «arte», é fazer-lhe aprender o «ofício», é desvendar-se-lhe os segredos do «modo de vida», é torná-lo igual ao irrecuperável. Legislar assim é fácil. Mas é criminoso também. A repressão brutal, com características pidescas, nada resolve. Por vezes, até se torna nefasta. Importa regenerar, apontar o erro, partir as algemas, integrar numa sociedade válida. Mas, para que tal se consiga é preciso indagar os motivos que levaram à prática do crime. Só assim a regeneração será possível, utilizando os métodos adequados a cada caso particular. Virá sendo seguido este critério? A dúvida aqui fica. Aos responsáveis competirá responder... Com provas, claro está!

PORTO DE AVEIRO

Conforme aqui referimos oportunamente, realizar-se-á hoje, sexta-feira, 3 de Junho, com início às 21.30 horas, no salão nobre do Clube dos Galitos, o anunciado colóquio sobre o Porto de Aveiro, promovido por aquele Clube.

Esta louvável iniciativa (integrada nas comemorações do «16 de Maio») esteve inicialmente marcada para anterior data; mas, dada a importância do tema a debater, as gerências do «Galitos» decidiram transferí-la para hoje, assim possibilitando a presença de entidades e personalidades directa ou indirectamente ligadas ao magno assunto, às quais foram endereçados convites.

Tal como então escrevemos, será moderador o Eng.º João de Oliveira Barrosa, Director da JAPA.

UM COLÓQUIO

Região do Vouga

Uma intervenção na A R

Continuação da 1.ª página

temente rurais, onde, sem exagero, abundam autênticos oásis turísticos, desconhecidos uns, abandonados outros, e tantos deficientemente aproveitados.

Foi a partir dos anos 60 que a Região do Vouga passou a assumir posição relevante no contexto da indústria portuguesa, surto de desenvolvimento quase sempre conseguido à custa dos recursos locais, através de um esforço extraordinário que bem demonstra quanto pode a vontade do homem pela sua criatividade, capacidade de trabalho e aptidão gestora. Qualidades irrefutáveis do homem «vouguense» que ontem criou pequenas indústrias artesanais, algumas hoje, transformadas em unidades competitivas e rendíveis. E tanto assim, que entre os anos 50 e 60, é o distrito de Aveiro que consegue o maior crescimento (40,26%) dos valores absolutos da população activa na indústria transformadora, e em que as estruturas sectoriais do emprego se apresentam bastante favoráveis ao crescimento económico.

Entretanto, a agricultura regional foi lançada ao abandono, com os pequenos agricultores entregues e si próprios e afectados por uma política agrária que cada vez mais os degradava e empobrecia. Desta situação deplorável decorreu a humilhação sofrida pelos camponeses, e dada a atracção que a indústria suscitou, optaram, uns pela emigração e outros pelo emprego nas fábricas, válvulas de escape para o crescimento demográfico, na fuga de uma situação de miséria, em procura da oportunidade da sua realização como homens.

A explosão e atracção industriais provocaram flagrante desequilíbrio agricultura-indústria, com nítido prejuízo da primeira, que havia sido a grande subvencionadora humana e até financeira da segunda. Em face do apreciável grau de desenvolvimento actual da indústria regional, conseguido a partir das inequívocas potencialidades humanas que a tem accionado, agora, é preciso criar condições para que a agricultura possa atingir um desenvolvimento equiparado. Pelo que se torna cada vez mais instante, que o Governo faculte aos trabalhadores do campo a possibilidade de pdocederem ao emprego eficaz dos recursos agro-florestais do Vouga, que se estende desde as areias atlânticas até terras altas do interior, num espaço com características de solo e clima próprios e que engloba três zonas diferenciadas: **orla litoral, espaço de transição e interior serrano.**

Nesta última residem as populações rurais mais desfavorecidas, em que o relevo acentuado determina a expansão florestal, e onde nunca se procedeu ao incremento da silvo-pastorícia, actividade que muito poderá contribuir para acrescer o rendimento das explorações agrícolas.

As populações de montanha ainda sujeitas a condições de vida extremamente duras, como acontece em muitos lugares e aldeias dos concelhos de Arouca, Castelo de Paiva, Sever do Vouga, Vale de Cambra e no interior serrano de Águeda, Anadia e Mealhada, zonas rurais críticas, de acessos dificílimos, onde a indústria não penetrou, nem tão pouco, um movimento cooperativo florestal consequente e capaz de proceder a uma racional utilização da sua riqueza natural, a floresta.

Entre o litoral e a serra localiza-se um **espaço de transição** onde a floresta dá lugar à cultura arvense e à vitivinicultura da região da Bairrada que aspira, mas ainda não foi reconhecida região demarcada. O património florestal constitui para os pequenos agricultores de Águeda, Albergaria-a-Velha, Oliveira do Bairro e Mealhada a sua «caixa económica», o seu último recurso para custear despesas imprevistas e inadiáveis Deste espaço de transição fazem parte os concelhos de Oliveira de Azeméis e Vila da Feira, onde se adoptam técnicas agrícolas relativamente evoluídas, e ainda S. João da Madeira, com relevante valor industrial, dada a vocação das pessoas e o seu reduzido perímetro administrativo.

A orla litoral, onde se espraia a bacia do Vouga, desde a turística costa verde da cidade de Espinho até Vagos, concelho de assinalável produção leiteira, apanágio e orgulho justificados dos agricultores, a quem ainda recentemente, certas forças, tentaram oportunistica e tendenciosamente manipular.

Todo este litoral, onde os pescadores artesanais estão sujeitos, tal como os agricultores, a condições de vida extremamente duras e desoladoras, dispõe de inegáveis aptidões agropecuárias. A ria, ao recortar terras de Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Ovar e Murtosa, proporciona fecundos prados que, com animais de boa capacidade genética, bem poderá designar-se a «Holanda portuguesa», tal como visualizou António Sérgio, imorredouro cruzado do cooperativismo como elemento (...) «de educação autonomística do nosso povo».

Foi pelo extraordinário esforço do homem que, com base no moliço, junco e «escaço», se transformaram areias estéreis em solos festilíssimos, numa região cuja actividade leiteira evidencia maior capacidade de resposta às necessidades crescentes dos consumidores, em 1970 produziu milhões de litros, cerca de 30% de leite entregue ao País, apesar de 68% dos produtores possuirem apenas uma vaca.

É todo este vasto espaço agroflorestal da Bacia do Vouga que se impõe valorizar, porquanto é uma das regiões do País que com maior celeridade poderá responder ao repto que nos será lançado pela agricultura europeia.

A agricultura do Vouga, que tem contado com a válida participação do operário fabril, que através da agricultura a tempo parcial, não perdeu — e quererá perder? — as suas raízes camponesas, é aquela, Senhor Presidente e Senhores Deputados, que apresenta maior percentagem (55,3%) de produtores agrícolas isolados, apenas superada pelos 61,1% do distrito da Horta, o que demonstra serem os nemos cerceados e influenciados por parâmetros de uma economia absentista. A situação destes pequenos agricultores foi agravada em virtude das suas principais produções estarem sujeitas a preços políticos, que tornaram o milho, batata, leite e produtos hortícolas, como as culturas pobres ou desfavorecidas, por uma política agrária tendenciosa e indiferente às condições de vida dos camponeses. Hoje, e dado que essas condições de vida não foram substancialmente alteradas, e urge que o sejam, pensamos que a preservação e consolidação da democracia muito dependerá da sua adesão consciente. Pelo que, sobretudo o Governo deste País, terá de reflectir mais do que nunca na realidade socio-económica que António Sérgio nos legou: «Em torno do fomento da agricultura se ordenam portanto em nosso entender os maiores problemas da nossa gente. Depende de aí o alteamento da vida em todos os mesteres da sociedade, e também a verdadeira orientação sensata para os projectos financeiros em Portugal».

Nos dias de hoje há que saber criar uma forte confiança psico-social aos camponeses, que hão-de consubstanciar, eles próprios, o gerador do processo agrário progressivo e democrático.

Só que, a população do distrito de Aveiro, com os seus 643.517 habitantes em 1976, se preocupa, por não entender a razão, por o Governo atribuir aos dezanove concelhos, um investimento através do PIAP (Programa de Investimento da Administração Pública/77) de 409.670 contos, o que corresponde a uma média de 640 escudos/pessoa, índice dos mais baixos entre todos os distritos. Natural se torna que as mulheres, os homens e a juventude, dos meios rurais e urbanos «vouguenses» se sintam subestimados pela exiguidade da dotação, e estranhem, tanto mais, por se tratar de uma região que com maior brevidade poderá dar resposta às exigências que se põem a um Portugal colocado na perspectiva da adesão à CEE (Comunidade Económica Europeia).

Com efeito, a agricultura do Vouga haverá de constituir um dos fortes sustentáculos para o desejável êxito do desafio europeu. Para tanto, há que levar à prática a concretização progressiva do Plano do Aproveitamento Hidrográfico da Bacia do Vouga que inclui as barragens de Ribeiradio — enquadrável no contexto das empresas hidroeléctricas nacionais — de Antuã, de Marnel e a do rio Alfusqueiro.

No Baixo Vouga lagunar, há muito que as populações aguardam a construção do dique-estrada Aveiro-Murtosa, o que possibilitará o cultivo de terras durante todo o ano, numa área bastante prejudicada pela falta de protecção contra as cheias e invasão das águas salgadas. Estes empreendimentos hídricos colmatariam as carências de abastecimento de água às populações e a um importante complexo industrial, e atenuaria na época de seca os problemas de poluição dos cursos de água.

Estes são, Senhor Presidente e Senhores Deputados, melhoramentos necessários à modernização da agricultura de uma vasta região do País, onde o dinamismo industrial prevalece e exige o aumento da produção agropecuária. Esta, será substancialmente acrescida pela utilização dos espaços de inequívoca aptidão para o desenvolvimento integrado beterraba-pecuária e pelo aproveitamento dos recursos hidroagrícolas, investimentos desde logo reprodutivos, dada a existência de fábricas transformadoras de produtos da lavoura — como a Uniagre — o que permite antever a criação de novas indústrias alimentares, designadamente horto-industriais, e acabaria por atenuar o sub-emprego numa zona do País bastante esquecida pelos investimentos públicos, que encontrariam seguro aval nas reais potencialidades de terra e do homem. Isto, numa região em que o relativo nivelamento social, cultural e económico se reflecte na consciencialização da sua gente, a tal ponto, que no passado foi capaz de criar condições para a realização dos Congressos da Oposição Democrática, opondo-se corajosamente ao poder hegemónico e temido de então. Com a coragem que no passado recente, resistiu e repeliu outro totalitarismo avassalador, lutas estas que credibilizaram um povo trabalhador que rasga o caminho que quer percorrer, para ser livre e assegurar uma plenitude democrática irreversível.

Se não tivermos capacidade de accionar uma resposta concreta a este laborioso quinhão do povo português, como poderemos, Senhor Presidente e Senhores Deputados, responder a Portugal?

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	MODERNA
Sábado	ALA
Domingo	AVEIRENSE
Segunda	AVENIDA
Terça	SAÚDE
Quarta	OUDINOT
Quinta	NETO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

II FEIRA DO LIVRO DE AVEIRO

A II Feira do Livro de Aveiro, que tem vindo a funcionar diariamente na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, das 18 às 23 horas, e, aos sábados e domingos, das 15 às 23 horas, manter-se-á patente ao público até ao próximo dia 6.

ROMAGEM A AMARANTE

Cumprindo-se o programa aqui oportunamente dado à estampa, aveirenses deslocaram-se no último domingo, a Amarante, com o fim de venerar «S. Gonçalinho» junto do seu túmulo: foi ali a boa gente do nosso característico bairro da Beira-Mar e de outras zonas de Aveiro.

No respectivo templo, o Padre João Gaspar celebrou a Eucaristia e dirigiu aos presentes lúcidas e sentidas palavras sobre a vinda do Espírito Santo — que nesse dia liturgicamente se recordava —, falando ainda, com a proficiência que lhe é peculiar, sobre a expansão da Igreja e sobre S. Gonçalo, apóstolo de Cristo nas terras de Entre-Douro-e-Minho. No final, todos passaram junto do túmulo, ali deixando, com suas orações, velas, flores e ofertas materiais.

Após a visita à sacristia e ao claustro conventual, procedeu-se, no largo fronteiro, ao lançamento das «cavacas», tão próprio dos costumes da nossa Beira-Mar.

Registe-se o bom acolhimento dispensado à numerosa caravana — cerca de centena e meia de participantes — pelo Rev.º Páraco de Amarante, pela Comissão de Turismo e pelo Grupo Coral que, à entrada da igreja, executou o Hino de S. Gonçalo.

Esta piedosa iniciativa ficou a dever-se a alguns devotos aveirenses do Santo amarantino, por sugestão de Amadeu de Sousa (que tantas vezes tem cantado em primorosas quadras — trazidas a estas colunas — as tradições ligadas a «S. Gonçalinho»), e ao entusiasmo de João Henriques Júnior, João da Rosa Lima e do já referido Padre João Gaspar, este, também, prezado colaborador do *Litoral,* que tanto o tem honrado com os primores da sua esclarecida pena.

Em Aveiro NOVOS COMANDOS

Continuação da 1.ª página

salientou o leque importantissimo das funções que cabem à P.S.P. na defesa da legalidade democrática e dos direitos dos cidadãos, sublinhando ser uma das principais preocupações da P.S.P. o combate às actividades dos marginais, afirmando, a dado passo: «Nesta época de modificação, de evolução, a sociedade portuguesa necessita indubitavelmente de uma tranquilidade, de uma ordem, na qual a P.S.P. tem uma palavra a dizer, pois não esquecemos que somos um serviço público e, portanto, toda a nossa actividade está dirigida para o bem da população».

No final dirigiu palavras de agradecimento ao novo Comandante Distrital, por este ter aceitado tão espinhoso e difícil cargo, terminando por lhe prometer a sua melhor colaboração.

O Major Nolasco Pinto disse, depois, da sua confiança em que «o padrão da conduta cívica atingido pela população do Distrito continuará a assegurar a harmonia da vida em comunidade», acabando por garantir que procurará «continuar o trajecto que tem por fim uma actuação em que a violência seja a última instância e a persuação a melhor arma».

Após o acto, o General Neves Cardoso teve palavras elogiosas para com a população do nosso Distrito, pelo seu espírito de democraticidade, e enalteceu os relevantes serviços prestados pelo Comissário Manuel José, durante os oito meses em que interinamente esteve à frente do Comando Distrital de Aveiro.

No final, o Chefe do Distrito falou, para agradecer a valiosa colaboração sempre prestada, quer pela P.S.P., quer pela G.N.R.

• DA SECÇÃO DA GF

Em substituição do Tenente Alcino da Cunha Lourenço, que se encontra a frequentar um Curso de Capitães, foi recentemente empossado no cargo de Comandante da Guarda Fiscal da Secção de Aveiro o Tenente de Cavalaria Vasco César Tavares de Sousa e Silva.

PARÓQUIA DA GLÓRIA

O *Secretariado de Pastoral Familiar da Paróquia de Nossa Senhora da Glória,* de Aveiro, pelo seu Sector de Acolhimento a Noivos, pretende levar a efeito, amanhã, 4, pelas 15 horas, no salão da Sé, um encontro de novos casais, no qual será apresentado, pelo Dr. Manuel Alte da Veiga, Professor da Universidade de Aveiro, o tema: «Fecundidade do casal».

Todos aqueles que passaram pelos Cursos de Acolhimento e que tão insistentemente solicitaram encontros de formação dentro daquela temática da vocação matrimonial, têm agora a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos, de reviver a a amizade com outros casais e de dialogar sobre outras perspectivas de futuros encontros.

QUATRO DRAGAS A CONSTRUIR EM S. JACINTO

Por 600 mil contos, foi adjudicada, aos Estaleiros de S. Jacinto, a construção de quatro dragas, duas das quais deverão ser lançadas à água em 1978 e as restantes no ano imediato.

Destas novas unidades, com capacidade de dragagem de 300 a 750 metros cúbicos por dia, duas deverão ficar em serviço no Porto de Aveiro.

PARA A [...]ACALHAU

Saiu [...]e Aveiro, com de[...]mares da Terra N[...]a do Conde» — [...]erna unidade p[...]da frota nacional[...]

[...]XPOSIÇÃO [...] FRANCESES [...]CONOMIA

Ence[...]nhã, 4, a anuncia[...]ão de livros fra[...] Economia que tem [...] realizar-se no Instit[...]r de Contabilidade[...]nistração, numa i[...]da Sodexport-Gre[...]

[...]VERSIDADE [...]E AVEIRO

Para [...]e Assistentes, acei[...]didaturas de licen[...] Química, Física, E[...] Química, Engenha[...]lúrgica e Engenha[...]ica.

Envia[...]s com currículo d[...]ara o Departamen[...]ngenharia Cerâmica[...]ro da Universidade[...]ro, até 30 de Junho[...]

[...]enagem ao [...]DANTE DOS [...] DE SEVER [...]O VOUGA

A As[...]os Bombeiros Volu[...]e Sever do Vouga va[...] efeito, nos próximos [...]9, 10, 11 e 12, uma [...] actos integrados [...]enagem ao primeiro [...]nte e fundador d[...] corporação, Eng.º V[...]igues, que, durante [...]nos, foi tesoureiro [...]mbeiros do Distrito [...], procedendo-se ent[...]ção de duas novas [...] do Corpo Activo.

No Centenário do Nascimento de LOURENÇO PEIXINHO

Continuação da 1.ª página

muito cultos e afeitos a leituras profundas, não me parece — desculpe-me o amigo Cerqueira — aquele que se deva empregar num jornal de feição popular, que, para ter interesse, deve usar da que é corrente e que todos são capazes de ler — e compreender — sem esforço de maior.

Sei que o Dr. Narciso de Azevedo (que foi professor na Escola Comercial de Fernando Caldeira) dizia, uma vez, a Homem Cristo que o seu êxito como jornalista estava, não só naquilo que dizia, mas, e principalmente, na maneira por que o fazia, isto é, na clareza da linguagem que empregava.

Houve muita gente que não teve coragem de ler o artigo em referência devido à forma como está escrito e, com isso, foi prejudicada a intenção do amigo Cerqueira, que era a de dar a conhecer à geração nova quanto amor e quanta dedicação o Dr. Lourenço Peixinho teve pela sua terra natal.

Ele foi o grande Presidente da Câmara que idealizou, e rasgou, a avenida que hoje tem o seu nome, a qual iria dar feição de cidade à nossa terra, fazendo-o com poucos recursos financeiros e com processos técnicas rudimentares.

Imaginem (os que estão habituados a ver as grandes máquinas a revolver terras e a transportá-las, mudando o aspecto do local das obras em poucos dias) o que seria aquele comprimento todo da actual avenida, a ser desaterrado, com vagonetas, sobre carris, e empurradas por homens que tinham, também, à picareta, à enxada e à pá, de cavar a terra, de a encher e descarregar no local, se serão capazes de se aperceberem do esforço dispendido e da persistência necessária a, com o pouco dinheiro que a Câmara tinha, levar ao fim obra de tamanho vulto para a época.

Só o muito amor à sua terra e à obra que a si mesmo se impôs, fizeram que ele levasse a cabo aquela tarefa.

E é bom não esquecer que o cargo de Presidente da Câmara era de eleição e exercido gratuitamente.

O seu empenho na construção do Parque do Infante D. Pedro foi também enorme, conseguindo, com as suas amizades pessoais, obter, por um preço quase simbólico, que a casa da Viscondessa de Santo António lhe cedesse aquela quinta que, no sítio onde está o lago, tinha um paúl em que cresciam o bunho e a tabúa e onde viviam e cresciam milhares de mosquitos que infestavam toda aquela zona.

E, ao falar desta quinta, o meu pensamento não pode desassociar dela o seu caseiro, o velho Germano, de barbas brancas e grandes, sempre bem tratadas, e por quem toda a garotada tinha respeito e medo, apesar de o fazer «comer lume» com as suas invasões para umas «penhoras» nas árvores da fruta, que a havia lá e boa.

Outra obra de vulto para o interesse citadino foi a dos lavadouros públicos no Cais de S. Roque, aproveitando a água de uma fonte que nunca secou, mesmo nos períodos agudos de seca, pelos quais passámos há um bom par de anos.

Essa obra que, aos olhos da moderna geração, poderá não ter importância — pois uma grande parte tem em sua casa água canalizada e máquina de lavar — foi, no seu tempo, de enorme valia para as donas de casa da Beira-Mar que, não podendo pagar às lavadeiras profissionais da Quinta do Picado e seus termos, se viam obrigadas a levantar-se de madrugada e ir lavar para a Pega e Vilar, e, até, para mais longe...

Como Presidente da Câmara teve erros; o principal, porém, foi o de se convencer — e isto pelo seu muito **aveirismo** — de que a Câmara e ele eram uma única pessoa, e que podia, sem dar satisfações aos seus colegas da vereação, fazer o que lhe aprazia e pondo-os em frente dos factos consumados.

Mas... o seu esforço e dedicação por Aveiro foi, também, o cargo que desempenhou como Provedor da Misericórdia — e da maneira como o desempenhou.

Conseguiu acabar o Hospital, em construção há muitos anos, na Senhora da Ajuda, e transferir, para lá, o velho Hospital, que funcionava no edifício (propriedade da Misericórdia) onde está a casa comercial que foi pertença de Alberto Rosa, um casarão que, no seu interior, até metia medo, o que contrastava com o novo, cheio de luz e higiene e de limpeza impecável, que ele exigia que se mantivesse, exercendo, para isso, rigorosa fiscalização pessoal; e, quanto a limpeza, era intransigente.

Para conseguir obter roupas para o seu Hospital — tudo roupas novas — movimentou todos os seus conhecimentos pessoais e oficiais, conseguiu interessar toda a gente (pobres e ricos), organizou peditórios com a ajuda da mocidade e dos chefes de família.

Para o Hospital, exigia e impunha verbas a pessoas que ele sabia que o podiam fazer, e que não lhas negavam, pelos muitos favores que lhe deviam.

O Dr. Lourenço Peixinho foi um médico distinto no seu tempo, um pouco João Semana, tratando da mesma maneira ricos e pobres e poucos proventos retirando da sua medicina, pois que aos primeiros não levava dinheiro e, aos segundos, fazia o serviço gratuitamente.

Dizia-se, então, que quem mantinha o consultório eram as companhias de seguros — era médico de quase todas elas.

Eu até o conheci como Homem que espalhava o bem em segredo e, até, como politiqueiro; e, mesmo, sob esta última faceta, foi sempre, e acima de tudo, o aveirense indefectível.

É, principalmente, para o médico — que eu bem conheci — que vai a minha homenagem, o meu respeito e a minha gratidão e o desejo de que o seu espírito viva em paz, isto, apesar de, por força de lugares que desempenhei, ter tido desaguisados com o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

JOÃO EVANGELISTA DE CAMPOS

Agradecimento

A Família de Rosa Osório Correia Saraiva, falecida em Abril passado, vem, por este único meio, expressar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que, de qualquer modo, lhe manifestaram o seu pesar por tão triste acontecimento.

A Família enlutada agradece, pois, a quantos, em tão dolorosa ocorrência, lhe demonstraram a sua amizade e também a todas as pessoas que durante a prolongada doença da extinta se interessaram pelo seu estado.

Aveiro, Maio, 1977.

Região do Vouga

Uma intervenção na A R

Continuação da 1.ª página

temente rurais, onde, sem exagero, abundam autênticos oásis turísticos, desconhecidos uns, abandonados outros, e tantos deficientemente aproveitados.

Foi a partir dos anos 60 que a Região do Vouga passou a assumir posição relevante no contexto da indústria portuguesa, surto de desenvolvimento quase sempre conseguido à custa dos recursos locais, através de um esforço extraordinário que bem demonstra quanto pode a vontade do homem pela sua criatividade, capacidade de trabalho e aptidão gestora. Qualidades irrefutáveis do homem «vouguense» que ontem criou pequenas indústrias artesanais, algumas hoje, transformadas em unidades competitivas e rendíveis. E tanto assim, que entre os anos 50 e 60, é o distrito de Aveiro que consegue o maior crescimento (40,26%) dos valores absolutos da população activa na indústria transformadora, e em que as estruturas sectoriais do emprego se apresentam bastante favoráveis ao crescimento económico.

Entretanto, a agricultura regional foi lançada ao abandono, com os pequenos agricultores entregues e si próprios e afectados por uma política agrária que cada vez mais os degradava e empobrecia. Desta situação deplorável decorreu a humilhação sofrida pelos camponeses, e dada a atracção que a indústria suscitou, optaram, uns pela emigração e outros pelo emprego nas fábricas, válvulas de escape para o crescimento demográfico, na fuga de uma situação de miséria, em procura da oportunidade da sua realização como homens.

A explosão e atracção industriais provocaram flagrante desequilíbrio agricultura-indústria, com nítido prejuízo da primeira, que havia sido a grande subvencionadora humana e até financeira da segunda. Em face do apreciável grau de desenvolvimento actual da indústria regional, conseguido a partir das inequívocas potencialidades humanas que a tem accionado, agora, é preciso criar condições para que a agricultura possa atingir um desenvolvimento equiparado. Pelo que se torna cada vez mais instante, que o Governo faculte aos trabalhadores do campo a possibilidade de pdocederem ao emprego eficaz dos recursos agro-florestais do Vouga, que se estende desde as areias atlânticas até terras altas do interior, num espaço com características de solo e clima próprios e que engloba três zonas diferenciadas: **orla litoral, espaço de transição e interior serrano.**

Nesta última residem as populações rurais mais desfavorecidas, em que o relevo acentuado determina a expansão florestal, e onde nunca se procedeu ao incremento da silvo-pastorícia, actividade que muito poderá contribuir para acrescer o rendimento das explorações agrícolas.

As populações de montanha ainda sujeitas a condições de vida extremamente duras, como acontece em muitos lugares e aldeias dos concelhos de Arouca, Castelo de Paiva, Sever do Vouga, Vale de Cambra e no interior serrano de Águeda, Anadia e Mealhada, zonas rurais críticas, de acessos dificílimos, onde a indústria não penetrou, nem tão pouco, um movimento cooperativo florestal consequente e capaz de proceder a uma racional utilização da sua riqueza natural, a floresta.

Entre o litoral e a serra localiza-se um **espaço de transição** onde a floresta dá lugar à cultura arvense e à vitivinicultura da região da Bairrada que aspira, mas ainda não foi reconhecida região demarcada. O património florestal constitui para os pequenos agricultores de Águeda, Albergaria-a-Velha, Oliveira do Bairro e Mealhada a sua «caixa económica», o seu último recurso para custear despesas imprevistas e inadiáveis Deste espaço de transição fazem parte os concelhos de Oliveira de Azeméis e Vila da Feira, onde se adoptam técnicas agrícolas relativamente evoluídas, e ainda S. João da Madeira, com relevante valor industrial, dada a vocação das pessoas e o seu reduzido perímetro administrativo.

A orla litoral, onde se espraia a bacia do Vouga, desde a turística costa verde da cidade de Espinho até Vagos, concelho de assinalável produção leiteira, apanágio e orgulho justificados dos agricultores, a quem ainda recentemente, certas forças, tentaram oportunistica e tendenciosamente manipular.

Todo este litoral, onde os pescadores artesanais estão sujeitos, tal como os agricultores, a condições de vida extremamente duras e desoladoras, dispõe de inegáveis aptidões agropecuárias. A ria, ao recortar terras de Aveiro, Estarreja, Ílhavo, Ovar e Murtosa, proporciona fecundos prados que, com animais de boa capacidade genética, bem poderá designar-se a «Holanda portuguesa», tal como visualizou António Sérgio, imorredouro cruzado do cooperativismo como elemento (...) «de educação autonomística do nosso povo».

Foi pelo extraordinário esforço do homem que, com base no moliço, junco e «escaço», se transformaram areias estéreis em solos festilíssimos, numa região cuja actividade leiteira evidencia maior capacidade de resposta às necessidades crescentes dos consumidores, em 1970 produziu milhões de litros, cerca de 30% de leite entregue ao País, apesar de 68% dos produtores possuirem apenas uma vaca.

É todo este vasto espaço agroflorestal da Bacia do Vouga que se impõe valorizar, porquanto é uma das regiões do País que com maior celeridade poderá responder ao repto que nos será lançado pela agricultura europeia.

A agricultura do Vouga, que tem contado com a válida participação do operário fabril, que através da agricultura a tempo parcial, não perdeu — e quererá perder? — as suas raízes camponesas, é aquela, Senhor Presidente e Senhores Deputados, que apresenta maior percentagem (55,3%) de produtores agrícolas isolados, apenas superada pelos 61,1% do distrito da Horta, o que demonstra serem os nemos cerceados e influenciados por parâmetros de uma economia absentista. A situação destes pequenos agricultores foi agravada em virtude das suas principais produções estarem sujeitas a preços políticos, que tornaram o milho, batata, leite e produtos hortícolas, como as culturas pobres ou desfavorecidas, por uma política agrária tendenciosa e indiferente às condições de vida dos camponeses. Hoje, e dado que essas condições de vida não foram substancialmente alteradas, e urge que o sejam, pensamos que a preservação e consolidação da democracia muito dependerá da sua adesão consciente. Pelo que, sobretudo o Governo deste País, terá de reflectir mais do que nunca na realidade socio-económica que António Sérgio nos legou: «Em torno do fomento da agricultura se ordenam portanto em nosso entender os maiores problemas da nossa gente. Depende de aí o alteamento da vida em todos os mesteres da sociedade, e também a verdadeira orientação sensata para os projectos financeiros em Portugal».

Nos dias de hoje há que saber criar uma forte confiança psico-social aos camponeses, que hão-de consubstanciar, eles próprios, o gerador do processo agrário progressivo e democrático.

Só que, a população do distrito de Aveiro, com os seus 643.517 habitantes em 1976, se preocupa, por não entender a razão, por o Governo atribuir aos dezanove concelhos, um investimento através do PIAP (Programa de Investimento da Administração Pública/77) de 409.670 contos, o que corresponde a uma média de 640 escudos/pessoa, índice dos mais baixos entre todos os distritos. Natural se torna que as mulheres, os homens e a juventude, dos meios rurais e urbanos «vouguenses» se sintam subestimados pela exiguidade da dotação, e estranhem, tanto mais, por se tratar de uma região que com maior brevidade poderá dar resposta às exigências que se põem a um Portugal colocado na perspectiva da adesão à CEE (Comunidade Económica Europeia).

Com efeito, a agricultura do Vouga haverá de constituir um dos fortes sustentáculos para o desejável êxito do desafio europeu. Para tanto, há que levar à prática a concretização progressiva do Plano do Aproveitamento Hidrográfico da Bacia do Vouga que inclui as barragens de Ribeiradio — enquadrável no contexto das empresas hidroeléctricas nacionais — de Antuã, de Marnel e a do rio Alfusqueiro.

No Baixo Vouga lagunar, há muito que as populações aguardam a construção do dique-estrada Aveiro-Murtosa, o que possibilitará o cultivo de terras durante todo o ano, numa área bastante prejudicada pela falta de protecção contra as cheias e invasão das águas salgadas. Estes empreendimentos hídricos colmatariam as carências de abastecimento de água às populações e a um importante complexo industrial, e atenuaria na época de seca os problemas de poluição dos cursos de água.

Estes são, Senhor Presidente e Senhores Deputados, melhoramentos necessários à modernização da agricultura de uma vasta região do País, onde o dinamismo industrial prevalece e exige o aumento da produção agropecuária. Esta, será substancialmente acrescida pela utilização dos espaços de inequívoca aptidão para o desenvolvimento integrado beterraba-pecuária e pelo aproveitamento dos recursos hidroagrícolas, investimentos desde logo reprodutivos, dada a existência de fábricas transformadoras de produtos da lavoura — como a Uniagre — o que permite antever a criação de novas indústrias alimentares, designadamente horto-industriais, e acabaria por atenuar o sub-emprego numa zona do País bastante esquecida pelos investimentos públicos, que encontrariam seguro aval nas reais potencialidades de terra e do homem. Isto, numa região em que o relativo nivelamento social, cultural e económico se reflecte na consciencialização da sua gente, a tal ponto, que no passado foi capaz de criar condições para a realização dos Congressos da Oposição Democráticas, opondo-se corajosamente ao poder hegemónico e temido de então. Com a coragem que no passado recente, resistiu e repeliu outro totalitarismo avassalador, lutas estas que credibilizaram um povo trabalhador que rasga o caminho que quer percorrer, para ser livre e assegurar uma plenitude democrática irreversível.

Se nós tivermos capacidade de accionar uma resposta concreta a este laborioso quinhão do povo português, como poderemos, Senhor Presidente e Senhores Deputados, responder a Portugal?

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	MODERNA
Sábado	ALA
Domingo	AVEIRENSE
Segunda	AVENIDA
Terça	SAÚDE
Quarta	OUDINOT
Quinta	NETO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

II FEIRA DO LIVRO DE AVEIRO

A II Feira do Livro de Aveiro, que tem vindo a funcionar diariamente na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, das 18 às 23 horas, e, aos sábados e domingos, das 15 às 23 horas, manter-se-á patente ao público até ao próximo dia 6.

ROMAGEM A AMARANTE

Cumprindo-se o programa aqui oportunamente dado à estampa, aveirenses deslocaram-se no último domingo, a Amarante, com o fim de venerar «S. Gonçalinho» junto do seu túmulo: foi ali a boa gente do nosso característico bairro da Beira-Mar e de outras zonas de Aveiro.

No respectivo templo, o Padre João Gaspar celebrou a Eucaristia e dirigiu aos presentes lúcidas e sentidas palavras sobre a vinda do Espírito Santo — que nesse dia liturgicamente se recordava —, falando ainda, com a proficiência que lhe é peculiar, sobre a expansão da Igreja e sobre S. Gonçalo, apóstolo de Cristo nas terras de Entre-Douro-e-Minho. No final, todos passaram junto do túmulo, ali deixando, com suas orações, velas, flores e ofertas materiais.

Após a visita à sacristia e ao claustro conventual, procedeu-se, no largo fronteiro, ao lançamento das «cavacas», tão próprio dos costumes da nossa Beira-Mar.

Registe-se o bom acolhimento dispensado à numerosa caravana — cerca de centena e meia de participantes — pelo Rev.º Pároco de Amarante, pela Comissão de Turismo e pelo Grupo Coral que, à entrada da igreja, executou o Hino de S. Gonçalo.

Esta piedosa iniciativa ficou a dever-se a alguns devotos aveirenses do Santo amarantino, por sugestão de Amadeu de Sousa (que tantas vezes tem cantado em primorosas quadras — trazidas a estas colunas — as tradições ligadas a «S. Gonçalinho»), e ao entusiasmo de João Henriques Júnior, João da Rosa Lima e do já referido Padre João Gaspar, este, também, prezado colaborador do *Litoral*, que tanto o tem honrado com os primores da sua esclarecida pena.

PARÓQUIA DA GLÓRIA

O *Secretariado de Pastoral Familiar da Paróquia de Nossa Senhora da Glória*, de Aveiro, pelo seu Sector de Acolhimento a Noivos, pretende levar a efeito, amanhã, 4, pelas 15 horas, no salão da Sé, um encontro de novos casais, no qual será apresentado, pelo Dr. Manuel Alte da Veiga, Professor da Universidade de Aveiro, o tema: «Fecundidade do casal».

Todos aqueles que passaram pelos Cursos de Acolhimento e que tão insistentemente solicitaram encontros de formação dentro daquela temática da vocação matrimonial, têm agora a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos, de reviver a amizade com outros casais e de dialogar sobre outras perspectivas de futuros encontros.

QUATRO DRAGAS A CONSTRUIR EM S. JACINTO

Por 600 mil contos, foi adjudicada, aos Estaleiros de S. Jacinto, a construção de quatro dragas, duas das quais deverão ser lançadas à água em 1978 e as restantes no ano imediato.

Destas novas unidades, com capacidade de dragagem de 300 a 750 metros cúbicos por dia, duas deverão ficar em serviço no Porto de Aveiro.

Em Aveiro

NOVOS COMANDOS

Continuação da 1.ª página

salientou o leque importantíssimo das funções que cabem à P.S.P. na defesa da legalidade democrática e dos direitos dos cidadãos, sublinhando ser uma das principais preocupações da P.S.P. o combate às actividades dos marginais, afirmando, a dado passo: «Nesta época de modificação, de evolução, a sociedade portuguesa necessita indubitavelmente de uma tranquilidade, de uma ordem, na qual a P.S.P. tem uma palavra a dizer, pois não esquecemos que somos um serviço público e, portanto, toda a nossa actividade está dirigida para o bem da população».

No final dirigiu palavras de agradecimento ao novo Comandante Distrital, por este ter aceitado tão espinhoso e difícil cargo, terminando por lhe prometer a sua melhor colaboração.

O Major Nolasco Pinto disse, depois, da sua confiança em que «o padrão da conduta cívica atingido pela população do Distrito continuará a assegurar a harmonia da vida em comunidade», acabando por garantir que procurará «continuar o trajecto que tem por fim uma actuação em que a violência seja a última instância e a persuasão a melhor arma».

Após o acto, o General Neves Cardoso teve palavras elogiosas para com a população do nosso Distrito, pelo seu espírito de democraticidade, e enalteceu os relevantes serviços prestados pelo Comissário Manuel José, durante os oito meses em que interinamente esteve à frente do Comando Distrital de Aveiro.

No final, o Chefe do Distrito falou, para agradecer a valiosa colaboração sempre prestada, quer pela P.S.P., quer pela G.N.R.

• DA SECÇÃO DA GF

Em substituição do Tenente Alcino da Cunha Lourenço, que se encontra a frequentar um Curso de Capitães, foi recentemente empossado no cargo de Comandante da Guarda Fiscal da Secção de Aveiro o Tenente de Cavalaria Vasco César Tavares de Sousa e Silva.

PARA A [...]ACALHAU

Saíu [...] Aveiro, com de[...]ares da Terra N[...] do Conde» — [...]rna unidade p[...]da frota nacional.

[...]XPOSIÇÃO D[...]RANCESES [...]CONOMIA

Ence[...]nhã, 4, a anuncia[...]o de livros fra[...] Economia que tem [...]realizar-se no Instit[...]r de Contabilidad[...]istração, numa i[...]a Sodexport-Gre[...]

[...]VERSIDADE [...]E AVEIRO

Para [...] Assistentes, acei[...]didaturas de licen[...] Química, Física, E[...] Química, Engenha[...]úrgica e Engenha[...]ica.

Envie[...]s com currículo d[...]ara o Departame[...]ngenharia Cerâmica[...]ro da Universidade[...]ro, até 30 de Junho

[...]nagem ao [...]ANTE DOS B[...] DE SEVER [...]DO VOUGA

A Ass[...]s Bombeiros Volu[...] Sever do Vouga va[...]efeito, nos próximos[...]9, 10, 11 e 12, uma[...]actos integrados [...]nagem ao primeiro[...]nte e fundador d[...]orporação, Eng.º V[...]igues, que, durante [...]nos, foi tesoureiro [...]mbeiros do Distrito [...], procedendo-se ent[...]ão de duas novas v[...]do Corpo Activo.

SECRE[...]OTARIAL [...]O

Prim[...]tório

Certif[...] publicação, que,[...]itura de 27 de Maio [...] de fls. 44 a 46, do[...] escrituras diversas [...], deste 1.º Cartório, [...]da perante o notário [...]ge Manuel Baptista [...] Miranda, foi altera[...]po do art.º 7.º e o pa[...]º do Pacto Social d[...]ade comercial por [...] responsabilidade [...]sob a firma «Salguei[...]ísio, Limitada», co[...]a Praça do Peixe, ne[...]e de Aveiro, que p[...]a ter a seguinte re[...]

Art.º 7[...]gerência da sociedade[...]cta a todos os sócios[...]ispensa de caução e [...] sem remuneração, [...] for deliberado.

§ 1.º [...]ciedade só ficará ob[...]om a intervenção e [...]ra de dois gerentes, [...]do uma delas semp[...]cio Adolfo Gustavo [...] ou seu representan[...]

Está [...] ao original, nada [...] na parte omitida [...]em contrário ao qu[...]e narra ou transcreve[...]

Aveiro[...] Maio de 1977.

O [...]TE,

a) *José [...]es Campos*

LITORAL [...]77 — N.º 1163

No Centenário do Nascimento de

LOURENÇO PEIXINHO

Continuação da 1.ª página

muito cultos e afeitos a leituras profundas, não me parece — desculpe-me o amigo Cerqueira — aquele que se deva empregar num jornal de feição popular, que, para ter interesse, deve usar da que é corrente e que todos são capazes de ler — e compreender — sem esforço de maior.

Sei que o Dr. Narciso de Azevedo (que foi professor na Escola Comercial de Fernando Caldeira) dizia, uma vez, a Homem Cristo que o seu êxito como jornalista estava, não só naquilo que dizia, mas, e principalmente, na maneira por que o fazia, isto é, na clareza da linguagem que empregava.

Houve muita gente que não teve coragem de ler o artigo em referência devido à forma como está escrito e, com isso, foi prejudicada a intenção do amigo Cerqueira, que era a de dar a conhecer à geração nova quanto amor e quanta dedicação o Dr. Lourenço Peixinho teve pela sua terra natal.

Ele foi o grande Presidente da Câmara que idealizou, e rasgou, a avenida que hoje tem o seu nome, a qual iria dar feição grande à nossa terra, fazendo-o com poucos recursos financeiros e com processos técnicas rudimentares.

Imaginem (os que estão habituados a ver as grandes máquinas a revolver terras e a transportá-las, mudando o aspecto do local das obras em poucos dias) o que seria aquele comprimento todo da actual avenida, a ser desaterrado, com vagonetas, sobre carris, e empurradas por homens que tinham, também, à picareta, à enxada e à pá, de cavar a terra, de a encher e descarregar no local, se serão capazes de se aperceberem do esforço dispendido e da persistência necessária a, com o pouco dinheiro que a Câmara tinha, levar ao fim da obra de tamanho vulto para a época.

Só o muito amor à sua terra e à obra que a si mesmo se impôs, fizeram que ele levasse a cabo aquela tarefa.

E é bom não esquecer que o cargo de Presidente da Câmara era de eleição e exercido gratuitamente.

O seu empenho na construção do Parque do Infante D. Pedro foi também enorme, conseguindo, com as suas amizades pessoais, obter, por um preço quase simbólico, que a casa da Viscondessa de Santo António lhe cedesse aquela quinta que, no sítio onde está o lago, tinha um paúl em que cresciam o bunho e a tábua e onde viviam e cresciam milhares de mosquitos que infestavam toda aquela zona.

E, ao falar desta quinta, o meu pensamento não pode desassociar dela o seu caseiro, o velho Germano, de barbas brancas e grandes, sempre bem tratadas, e por quem toda a garotada tinha respeito e medo, apesar de o fazer «comer lume» com as suas invasões para umas «penhoras» nas árvores da fruta, que a havia lá e boa.

Outra obra de vulto para o interesse citadino foi a dos lavadouros públicos no Cais de S. Roque, aproveitando a água de uma fonte que nunca secou, mesmo nos períodos agudos de seca, pelos quais passámos há um bom par de anos.

Essa obra que, aos olhos da moderna geração, poderá não ter importância — pois uma grande parte tem em sua casa água canalizada e máquina de lavar — foi, no seu tempo, de enorme valia para as donas de casa da Beira-Mar que, não podendo pagar às lavadeiras profissionais da Quinta do Picado e seus termos, se viam obrigadas a levantar-se de madrugada e ir lavar para a Pega e Vilar, e, até, para mais longe...

Como Presidente da Câmara teve erros; o principal, porém, foi o de se convencer — e isto pelo seu muito **aveirismo** — de que a Câmara e ele eram uma única pessoa, e que podia, sem dar satisfações aos seus colegas da vereação, fazer o que lhe aprazia e pondo-os em frente dos factos consumados.

Mas... o seu esforço e dedicação por Aveiro foi, também, o cargo que desempenhou como Provedor da Misericórdia — e da maneira como o desempenhou.

Conseguiu acabar o Hospital, em construção há muitos anos, na Senhora da Ajuda, e transferir, para lá, o velho Hospital, que funcionava no edifício (propriedade da Misericórdia) onde está a casa comercial que foi pertença de Alberto Rosa, um casarão que, no seu interior, até metia medo, o que contrastava com o novo, cheio de luz e higiene e de limpeza impecável, que ele exigia que se mantivesse, exercendo, para isso, rigorosa fiscalização pessoal; e, quanto à limpeza, era intransigente.

Para conseguir obter roupas para o seu Hospital — tudo roupas novas — movimentou todos os seus conhecimentos pessoais e oficiais, conseguiu interessar toda a gente (pobres e ricos), organizou peditórios com a ajuda da mocidade e dos chefes de família.

Para o Hospital, exigia e impunha verbas a pessoas que ele sabia que o podiam fazer, e que não lhas negavam, pelos muitos favores que lhe deviam.

O Dr. Lourenço Peixinho foi um médico distinto no seu tempo, um pouco João Semana, tratando da mesma maneira ricos e pobres e poucos proventos retirando da sua medicina, pois que aos primeiros não levava dinheiro e, aos segundos, fazia o serviço gratuitamente.

Dizia-se, então, que quem mantinha o consultório eram as companhias de seguros — era médico de quase todas elas.

Eu até o conheci como Homem que espalhava o bem em segredo e, até, como politiqueiro; e, mesmo, sob esta última faceta, foi sempre, e acima de tudo, o aveirense indefectível.

É, principalmente, para o médico — que eu bem conheci — que vai a minha homenagem, o meu respeito e a minha gratidão e o desejo de que o seu espírito viva em paz, isto, apesar de, por força de lugares que desempenhei, ter tido desaguisados com o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro.

JOÃO EVANGELISTA DE CAMPOS

Cartório Notarial de Vagos

SIMÕES & MARQUES L.DA

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 13 de Maio de 1977, lavrada de fls. 14 v.º a 17 v.º, do livro de notas para escrituras diversas n.º C-26, do Cartório Notarial de Vagos, a cargo do Notário Lic.º António Joaquim Marques Tavares, JOSÉ LUIS DE ALMEIDA SIMÕES, casado, MARIA SOLEDADE FERREIRA RUIVO SIMÕES, casada; MARIA SOLEDADE RUIVO SIMÕES, solteira, maior, todos residentes no lugar da Praia da Costa Nova do Prado, freguesia da Gafanha da Encarnação, concelho de Ílhavo e CASIMIRO MANUEL TORRES DA CRUZ MARQUES, solteiro, maior, residente na cidade de Aveiro, constituiram entre si uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma Simões & Marques, L.da, tem a sua sede e instalações no lugar dos Prazos, freguesia e concelho de Vagos, poderá mudar o seu domicílio e deslocar a sua sede e instalações, criar ou suprimir filiais, sucursais ou agências, onde entenda conveniente dentro do território nacional, por simples deliberação na sua Assembleia Geral e durará por tempo indeterminado, a partir desta data;

2.º — O seu objecto é o exercício da exploração da indústria agro-pecuária podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por Lei e que a sua Assembleia Geral delibere;

3.º — O capital social, integralmente subscrito e realizado em dinheiro é de 150 000$00, dividido em quatro quotas iguais no valor de 37 500$00 cada quota, pertencendo uma a cada um dos sócios José Luís de Almeida Simões, Maria Soledade Ferreira Ruivo Simões, Maria Soledade Ruivo Simões e Casimiro Manuel Torres da Cruz Marques;

4.º — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à Caixa Social, os suprimentos que a Caixa carecer, mas é necessário que previamente sejam fixadas em Assembleia Geral, as importâncias, os juros e as condições de reembolso;

5.º — As cessões de quotas são livres entre os sócios, no entanto a cessão a estranhos depende e carece do prévio consentimento da sociedade por deliberação da sua Assembleia Geral, ficando ainda, neste caso, atribuído a esta, em primeiro lugar e aos restantes sócios em segundo lugar, o direito de preferência, sendo o valor da cedência da quota calculado pelo último balanço anual;

6.º — O sócio que pretender ceder a sua quota, disso avisará os restantes sócios por carta registada com aviso de recepção, expedida com a antecedência mínima de quinze dias, indicando o preço pretendido e demais condições de venda;

7.º — Nenhum sócio poderá exercer, directamente ou por interposta pessoa, actividade congénere à da sociedade, nem fazer parte de qualquer outra sociedade com objecto desta, salvo com o consentimento previamente expresso da Assembleia Geral;

8.º — A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação, fica atribuída a todos os sócios, desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral;

9.º — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência no todo ou em parte, quer entre si, quer mesmo em estranhos à sociedade, mas neste último caso torna-se necessário a prévia e unânime concordância de todos os restantes sócios;

10.º — A sociedade considera-se validamente obrigada em todos os seus actos e contratos que envolvam responsabilidade para a sociedade, em juízo e fora dele, activa e passivamente, pela assinatura conjunta de dois dos seus gerentes, excepto para os actos de mero expediente nos quais bastará a aposição de uma só assinatura, não se considerando como tal a emissão ou assinatura de cheques ou ordens de pagamento, transferências de contas bancárias e ainda a intervenção em letra e livranças;

11.º — É expressamente proibido aos gerentes usar a firma social em actos e documentos que não respeitem aos negócios sociais, designadamente em letras de favor, fianças, abonações e responsabilidades semelhantes, sob pena de aquele que infringir o estipulado ser responsável individualmente pelas obrigações que tiver assumido, além de ter de indemnizar a sociedade pelos prejuízos que lhe cause com esse uso indevido;

12.º — Nenhum sócio poderá dar de penhor a sua quota ou por qualquer outra forma onerá-la, sem autorização prévia expressa por deliberação da Assembleia Geral;

13.º — A sociedade poderá amortizar quotas, não só quando for infringido o clausulado nos dois artigos anteriores mas também quando alguma delas esteja pendente de venda, arrematação ou adjudicação ou qualquer outro acto judicial, bastando para que a amortização se considere feita, que seja depositado o respectivo valor à ordem de quem de direito, na Caixa Geral de Depósitos;

14.º — Por falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará sem qualquer alteração na firma social, com os sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representante do falecido ou interdito, devendo estes nomear um de entre si que os represente a todos junto da sociedade enquanto a quota permanecer indivisa, tendo no entanto a sociedade a faculdade de poder amortizar a quota do falecido ou interdito, por deliberação social simples em Assembleia Geral, pagando o preço apurado num balanço especial dado para esse fim;

15.º — Anualmente em Dezembro será dado um balanço aos negócios sociais e os lucros líquidos nele apurados, depois de retirados 5% para o fundo de reserva legal, serão aplicados e distribuídos de acordo com deliberação da Assembleia Geral, termos em que igualmente serão suportados os prejuízos;

16.º — As Assembleias Gerais, para as quais a Lei não exija imperativamente outras formalidades especiais, serão convocadas com a antecedência mínima de dez dias, por meio de cartas registadas, com aviso de recepção, enviadas aos sócios ou por meio de mero protocolo interno, quando esta última modalidade seja possível;

17.º — Nas Assembleias Gerais é permitido o voto por meio de carta ou telegrama, podendo um sócio fazer-se representar por outro sócio, desde que munido de procuração bastante.

Está de conformidade com o original e na parte omitida nada há em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

Cartório Notarial de Vagos, 13 de Maio de 1977.

O AJUDANTE,

a) *António Rodrigues*

Agradecimento

A Família de Rosa Osório Correia Saraiva, falecida em Abril passado, vem, por este único meio, expressar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que, de qualquer modo, lhe manifestaram o seu pesar por tão triste acontecimento.

A Família enlutada agradece, pois, a quantos, em tão dolorosa ocorrência, lhe demonstraram a sua amizade e também a todas as pessoas que durante a prolongada doença da extinta se interessaram pelo seu estado.

Aveiro, Maio, 1977.

CONTINUAÇÕES

Batalhão de Infantaria de Aveiro

taria da Guarda, 5.º — Esquadrão de Lanceiros de Coimbra.

Na fotografia que publicamos, vemos os elementos que constituiram o conjunto do Batalhão de Infantaria de Aveiro: de pé — *Guimarães, Portela, Soares, Macedo, Delgado e 1.º Sargento José Pereira da Graça (orientador); e,* em primeiro plano — *José Manuel, Lemos, Cap. Macedo Marques e Aníbal.*

NATAÇÃO

4.ª — Luzia Silva (Leixões), 3.16.0. 5.ª — Fátima Pereira (Ginásio), 3.19.9.

100 metros-bruços — masculinos

1.º — Joaquim Pitorra (Ginásio), 1.14.9. 2.º — Luís Bernardo (Fluvial), 1.20.0. 3.º — Fernando Elísio (Aveiro), 1.22.6 — **record** absoluto. 4.º — Luís Veloso (Académico), 1.29.4. 5.º — Paulo Barradas (União), 1.37.6. 6.º — Paulo Silva (Leixões), 1.40.9.

100 metros-bruços — femininos

1.ª—Isabel Aguiar (Fluvial), 1.22.9. 2.ª — Gabriela Tiago (Académico), 1.34.0. 3.ª — Maria João Tinoco (Aveiro), 1.35.7. 4.ª — Isabel Costa (Aveiro), 1.40.3. 5.ª — Teresa Cerqueira (Leixões), 1.43.0.

100 metros-mariposa — masculinos

1.º — João Freitas (Fluvial), 1.10.0. 2.º — José Ramalheira (Aveiro), 1.13.7 **record** de seniores. 3.º — José Alemão (União), 1.13.9. 4.º — Luís Lobo (Académico), 1.15.8. 5.º — Mário Maia (Leixões), 1.17.8. 6.º — João Noivo (Ginásio), 1.21.3. 7.º — Luís Peres (Aveiro), 1.37.0.

100 metros-mariposa — femininos

1.ª — Isabel Martins (Fluvial), 1.24.4. 2.ª — Emília Peres (Aveiro), 1.25.3 — **record** de juniores. 3.ª — Maria João Silva (Fluvial), 1.25.9. 4.ª — Augusta Ruas (Académico), 1.28.4. 5.ª — Margarida Sousa (Aveiro), 1.48.5 — **record** de infantis.

100 metros-costas — masculinos

1.º — Baltar Leite (Fluvial), 1.16.6. 2.º — Vítor Garcia (Académico), 1.22.7. 3.º — Henrique Grangeia (Aveiro), 1.28.0. 4.º — Rui Maia (Leixões), 1.29.5. 5.º — João Noivo (Ginásio), 1.30.6. 6.º — Eduardo Esteves (União), 1.39.4. 7.º — Eugénio Silva (Aveiro), 1.42.5.

100 metros-costas — femininos

1.ª — Maria Pedro Quintas (Fluvial), 1.18.3. 2.ª — Graça Melo (Académico), 1.30.3. 3.ª — Ana Machado (Aveiro), 1.44.0. 4.ª — Clara Barroca (Aveiro), 1.46.0. 5.ª — Anabela Coelho (Aveiro), 1.44.2. 6.ª — Isabel Santos (Ginásio), 1.46.3. 7.ª — Antonieta Marques (Leixões), 1.47.5.

100 metros-livres — masculinos

1.º — Joaquim Pitorra (Ginásio), 59.6. 2.º — Paulo Torres (Fluvial), 1.04.7. 3.º — José Ramalheira (Aveiro), 1.05.3 — **record** de seniores. 4.º — Mário Maia (Leixões), 1.07.0. 5.º — Bério Marques (Aveiro), 1.08.4. 6.º — Francisco Santos (Académico), 1.08.8. 7.º — Jaime Viana ()Ginásio), 1.12.5. 8.º — Pedro Silva (Aveiro), 1.13.0. 9.º — Orlando Olavo (União), 1.15.3.

100 metros-livres — femininos

1.ª — Eulália Silva (Fluvial), 1.10.0 2.ª — Anabela Pires (Académico), 1.17.2. 3.ª — Fátima Pereira (Ginásio), 1.17.3. 4.ª — Manuela Galante (Leixões), 1.21.6. 5.ª — Luísa Matos (Aveiro), 1.24.3. 6.ª — Ana Pina (Aveiro), 1.25.8. 7.ª — Teresa Almeida (Aveiro), 1.29.5. 8.ª — Isabel Santos (Ginásio), 1.36.0.

FUTEBOL

coadjuvado pelos srs. Francisco Lobo (bancada) e Joaquim Rosa (peão) — equipa da Comissão Distrital de Beja.

PORTIMONENSE — Jorge; Matine, Juvenal, Sérgio e Sota; Perez, Folrival e Hilton (José Eduardo, aos 68 m.); Fernando, Jailson e Sapinho.

BEIRA-MAR — Jesus; Manecas, Quaresma, Soares e Guedes; Carvalho, Manuel José e Rodrigo; Sousa, Garcês e Abel.

O resultado ficou estabelecido antes do intervalo, com golos de JAILSON (22 m.) e PEREZ (25 m.), pelos algarvios, e de MANECAS (28 m.), pelos aveirenses.

BEIRA-MAR, 2
LEIXÕES, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Porém Luís, coadjuvado pelos srs. António Freitas (bancada) e Azoia Monteiro (superior) — equipa da Comissão Distrital de Leiria.

BEIRA-MAR — Jesus; Manecas, Guedes, Soares e Poeira; Carvalho, Manuel José e Rodrigo; Sousa (Jorge, aos 82 m.), Garcês e Abel.

LEIXÕES — Lúcio; José Manuel, Adriano, Guilherme e Sá (Nelinho, aos 54 m.); Varela, Jacinto e Frasco; Bóia, Fernando (Zezé, aos 54 m.) e Folha.

Houve um golo em cada meio-tempo, apontados por CARVALHO (28 m.) e por GARCÊS (48 m.), ambos para o Beira-Mar.

Em várias modalidades

-se Riopele - Marítimo e Riopele - FEIRENSE, respectivamente nos dias 5 e 12.

Para o torneio de acesso à I Divisão, também já houve duas rondas, que concluiram desta forma: Cuf, 0 - ESPINHO, 1 e Cuf, 6 - Estrela de Portalegre, 4.

Em 5 e em 12 do corrente, a prova continuará, com os encontros ESPINHO - Estrela de Portalegre e ESPINHO - Cuf.

● Em fim da época — e em três escalões — disputa-se a «Taça F. P.F.», competição patrocinada pelo «Totobola». A prova principal, para os clubes da I Divisão na época em curso, tem início no presente fim-de-semana. E, na zona que directamente interessa aos aveirenses, o calendário das rondas da primeira volta é o seguinte:

Sábado, 4 — BEIRA-MAR - Académico (18 horas) e Porto - Boavista. **Quinta-feira, 9** — Académico - Porto e Boavista - BEIRA-MAR. **Domingo, 12** — Boavista - Académico e Porto - BEIRA-MAR.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 41 DO «TOTOBOLA»

12 de Junho de 1977

Jogo	Prognóstico
1 — Riopele - Feirense	1
2 — Espinho - Cuf	1
3 — Varzim - Leixões	1
4 — Montijo - Setúbal	X
5 — Portimonense - Atlético	1
6 — Famalicão - Fafe	1
7 — Chaves - Gil Vicente	1
8 — Penafiel - U. Lamas	X
9 — Sanjoanense - Covilhã	1
10 — Peniche - U. Santarém	1
11 — Sesimbra - Barreirense	2
12 — Farense - Olhanense	1
13 — Vasco da Gama - Juventude	1

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 42 DO «TOTOBOLA»

19 de Junho de 1977

Jogo	Prognóstico
1 — Marítimo - Feirense	X
2 — E. Portalegre - Cuf	1
3 — Braga - Leixões	1
4 — Guimarães - Varzim	1
5 — Porto - Académico	1
6 — Beira-Mar - Boavista	1
7 — Estoril - Belenenses	1
8 — Portimonense - Setúbal	X
9 — Atlético - Montijo	X
10 — U. Lamas - P. Ferreira	1
11 — U. Santarém - Portalegrense	1
12 — Olhanense - Vasco da Gama	X
13 — Juventude - Farense	1

NAVEIRO - Transportes Marítimos, s. a. r. l.

Relatório, Balanço e Contas e Parecer do Conselho Fiscal referente ao ano de 1976

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO RELATIVO AO EXERCÍCIO DE 1976

Conforme o preceituado na Lei, submetemos à apreciação dos Senhores Accionistas, o Relatório, o Balanço e as Contas referentes ao ano findo, durante o qual a nossa Empresa enfrentou dificuldades de toda a ordem.

Com efeito, a produção das nossas unidades foi ainda inferior a 1975, os encargos — especialmente sociais e portuários — continuaram a subir, o mau tempo impediu ou alongou muitas das viagens programadas e verificaram-se algumas paralizações dos barcos, devido a conflitos laborais no sector, a nível nacional. Do exposto, resultaram problemas de tesouraria, agravados com a restrição do crédito bancário e daí os momentos aflitivos que se viveram.

Aliás, a situação descrita foi comum a todas as empresas congéneres, cujos resultados evidenciam a grave crise que atravessa a chamada pequena marinha mercante nacional, cujo futuro se encara com as maiores apreensões. É certo que o País parece começar a recuperar economicamente, que o Governo se mostra interessado em apoiar o sector económico em que nos integramos, e que as empresas do género da nossa, estão a desenvolver esforços sérios no sentido de uma união que a todas permita sobreviver. Mas tudo resultará inútil, se não houver mais realismo nas reivindicações dos Trabalhadores, se não se produzir mais e se não for promulgada urgentemente a legislação proteccionista que se impõe.

Assim, o prejuízo apurado foi de Esc.: 3 437 881$80, cifrando-se as amortizações feitas em Esc.: 86 750$00, propondo-se que aquele transite para o ano seguinte.

O n/m. «Naveiro» realizou 33 viagens e o n/m. «Litoral» 23 apenas, sendo os prejuízos da exploração, respectivamente de Esc.: 1 280 761$90 e Esc.: 1 747 086$40.

As Despesas Gerais cifraram-se apenas em Esc.: 323 804$90, isto é, inferiores, em mais de uma centena de contos às do ano anterior, o que só por si revela o critério de estricta economia em que se viveu.

Lamentando que os sacrifícios feitos não tenham tido correspondência nos resultados que se apresentam, aqui deixamos uma palavra de agradecimento a quantos nos honraram com a sua amizade e colaboração, muito justamente destacando os membros do Conselho Fiscal.

Aveiro, 9 de Março de 1977.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

José Vieira Júnior

Estaleiros São Jacinto, SARL

Empresa Continental de Navegação, Lda.

BALANÇO DA EMPRESA «NAVEIRO — TRANSPORTES MARÍTIMOS, SARL» Em 31 de Dezembro de 1976

ACTIVO

DISPONIVEL			
— Caixa	18$05		
— Depósitos em Bancos	12 325$60	12 343$65	
REALIZÁVEL			
Créditos			
— Devedores e Credores (saldos devedores)		353 517$60	365 861$25
IMOBILIZADO			
Técnico			
— Navio «LITORAL»	6 640 916$90		
— amortização	2 776 566$90	3 864 350$00	
— Navio «NAVEIRO»	5 154 270$30		
— amortização	1 253 070$30	3 901 200$00	
MÓVEIS E UTENSÍLIOS			
— Máquinas de Escritório	3 500$00		
— amortização	2 300$00	1 200$00	
— Mobiliário e Utensílios	9 170$40		
— amortização	7 170$40	2 000$00	7 768 750$00
SITUAÇÃO LIQUIDA PASSIVA			
Adquirida			
— Prejuízos de Exercícios Anteriores		3 766 754$65	
— RESULTADO DO EXERCÍCIO		3 437 881$80	7 204 636$45
			15 339 247$70

PASSIVO

EXIGIVEL			
Débitos (a curto prazo)			
— Devedores e Credores (saldos credores)	3 996 530$10		
— Letras a Pagar	1 033 895$00	5 030 425$10	
(a longo prazo))			
— Dividendos a Pagar		260 956$00	5 291 381$10
SITUAÇÃO LIQUIDA ACTIVA			
Inicial			
— Capital	5 000 000$00		
— Accionistas (para aumento de capital) ...	4 659 166$60	9 659 166$60	
Acumulada			
— Reserva Legal	197 500$00		
— Reserva de Renovação da Frota	191 200$00	388 700$00	10 047 866$60
			15 339 247$70

Aveiro - Lisboa, 31 de Dezembro de 1976.

O TÉCNICO DE CONTAS,

Berto Baião Barreiros

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

José Vieira Júnior

Estaleiros São Jacinto, SARL

Empresa Continental de Navegação, Lda.

O CONSELHO FISCAL,

Presidente: *Jorge F. Gomes Pestana*

Vogais: *Luís Passanha Sobral*

Henrique Dambert Moutela

MAPA DE DESENVOLVIMENTO DA CONTA «PERDAS E LUCROS»

DÉBITO

FRETES C/ EXPLORAÇÃO		
— NAVIO «LITORAL»		
— Custos por Natureza	5 255 628$70	
— NAVIO «NAVEIRO»		
— Custos por Natureza	5 139 218$70	10 394 847$40
DESPESAS GERAIS		
— Gastos gerais de administração		323 804$90
AMORTIZAÇÕES		
— NAVIO «LITORAL» (De Beneficiações e Grandes Reparações)		86 750$00
		10 805 402$30

CRÉDITO

FRETES C/ EXPLORAÇÃO		
— NAVIO «LITORAL»		
— Proveitos por Natureza	3 508 542$30	
— NAVIO «NAVEIRO»		
— Proveitos por Natureza	3 858 456$80	7 366 999$10
PERDAS E LUCROS		
— Descontos e Bónus Concedidos		521$40
RESULTADOS DO EXERCÍCIO		
— Prejuízo apurado no Exercício		3 437 881$80
		10 805 402$30

Aveiro - Lisboa, 31 de Dezembro de 1976.

O TÉCNICO DE CONTAS,

Berto Baião Barreiros

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

José Vieira Júnior

Estaleiros São Jacinto, SARL

Empresa Continental de Navegação, Lda.

O CONSELHO FISCAL,

Presidente: *Jorge F. Gomes Pestana*

Vogais: *Luís Passanha Sobral*

Henrique Dambert Moutela

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Cumprindo as normas legais e estatutárias, temos a honra de apresentar a V. Ex.as, o nosso parecer sobre o «Relatório, Balanço e Contas» do exercício de 1976.

Durante o ano, examinámos, como habitualmente, os documentos que serviram de base à elaboração da escrita e sempre os encontrámos em perfeita ordem.

Cumpre-nos salientar a meticulosa e prudente política de desenvolvimento que continua a patentear a Administração da nossa Empresa.

Assim, temos a honra de propôr a V. Ex.as:

1.º — Que vos digneis aprovar o «Relatório, Balanço e Contas» do exercício de 1976;

2.º — Que aproveis um voto de louvor e reconhecimento à Administração pelo zelo e permanente dedicação, por ela postos ao serviço da Empresa;

3.º — Que aproveis a proposta da Administração quanto à aplicação do saldo da conta «Perdas e Lucros» do exercício findo.

Aveiro, 12 de Março de 1977.

O CONSELHO FISCAL,

Presidente: *Jorge F. Gomes Pestana*

Vogais: *Luís Passanha Sobral*

Henrique Dambert Moutela

BEIRÍADAS

Em AVEIRO — *Provas de*

BADMINTON ● REMO ● VELA

Entre 8 e 12 de Junho, como oportunamente fora anunciado, vão tornar-se realidade as BEIRÍADAS — ampla movimentação desportiva dos seis distritos beirões: Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu.

Haverá, nestas cidades, e dentro de programas que estão a ser ultimados, nos seus retoques finais, diversas provas e exibições das seguintes modalidades (justamente 14, no Ano I das «Beiríadas» ,no ano do seu arranque): andebol, atletismo, badmington, basquetebol, ciclismo, futebol, ginástica, judo, luta, natação, remo, rugby, vela e xadrez.

Para a cidade de Aveiro foram marcadas competições de três modalidades: badmington (no dia 9, quinta-feira), remo (nos dias 9 e 10) e vela (também em 9 e 10).

Podemos adiantar ainda, em fecho da presente nótula, que as competições náuticas terão lugar na Ria de Aveiro, no Canal Central e no Canal da Gafanha (junto da doca comercial). Em remo, tomam parte tripulações de Aveiro e da Figueira da Foz, iniciando-se as provas às 10 horas da manhã; e, na vela, as quatro regatas programadas (duas em cada dia e abertas a barcos de todas as classes) principiam pelas 12 horas, tanto na quinta, como na sexta-feira. Devem competir velejadores de diversos clubes e das Escolas de Vela oficiais da Província das Beiras (subsidiadas pela D.G.D.).

No salão de festas da sede do Clube dos Galitos, pelas 21.30 horas de amanhã (sábado) e numa organização da Delegação de Aveiro da Direcção-Geral dos Desportos, haverá um colóquio sobre «Olimpismo» — orientado pelo Prof. Fernando Ferreira, membro do Comité Olímpico Português.

Campeonato Nacional da I Divisão

BEIRA-MAR

Não evitou a descida...

Caiu o pano sobre o Campeonato Nacional da I Divisão — ficando afastados da cena principal do teatro da bola as turmas do Atlético, Leixões, Montijo e Beira-Mar. Os lisboetas de Alcântara estavam já há longas semanas com o destino traçado; os beiramarenses haviam ficado condenados na penúltima jornada, quando da sua derrota em Portimão; e os montijenses e os matosinhenses mantiveram as esperanças derradeiras até à ronda final, onde foi decretada, para ambos, a sentença inexorável... de que se livraram, por um fio, os algarvios do Portimonense!

Noutra oportunidade, voltaremos a estas colunas, com considerações sobre o comportamento da turma auri-negra, que, após época marcada por manifesta falta de fortuna, não logrou fixar-se em lugar condizente com o real valor dos elementos que formaram o seu «plantel». E que, contrariando as aspirações dos avelrenses, não evitou a descida de escalão...

De momento, apenas ligeiros registos dos jogos da penúltima e da última jornada, desafios que quase-quase poderiam ter feito os beiramarenses subir o derradeiro e decisivo degrau da tabela, garantindo a presença na I Divisão — já que, em Portimão e mercê do seu trabalho, o Beira-Mar foi batido por 2-1, mas merecia, no mínimo, retirar com uma igualdade...

PORTIMONENSE, 2
BEIRA-MAR, 1

Jogo no Estádio do Portimonense, sob arbitragem do sr. Rosa Santos.

Continua na pág. 6

ARQUIVO

Resultados da 29.ª jornada

Leixões - Varzim	1-0
Portimon. - BEIRA-MAR	2-1
Guimarães - Montijo	3-2
Benfica - Porto	3-1
Belenenses - Atlético	2-1
Boavista - Sporting	0-0
Setúbal - Braga	1-1
Académico - Estoril	1-0

Resultados da 30.ª jornada

BEIRA-MAR - Leixões	2-0
Montijo - Portimonense	2-2
Porto - Guimarães	4-2
Atlético - Benfica	0-2
Sporting - Belenenses	4-0
Braga - Boavista	0-1
Estoril - Setúbal	1-3
Varzim - Académico	1-0

Tabela final

	J	V	E	D	Bolas	P
Benfica	30	23	5	2	67-24	51
Sporting	30	17	8	5	59-26	42
Porto	30	18	5	7	72-27	41
Boavista	30	13	8	9	41-33	34
Académico	30	14	6	10	29-25	34
Setúbal	30	13	6	11	47-46	32
Varzim	30	10	11	9	36-36	31
Braga	30	10	9	11	36-36	29
Guimarães	30	10	6	14	39-38	26
Belenenses	30	7	12	11	29-40	26
Estoril	30	6	13	11	26-36	25
Portimon.	30	8	9	13	34-46	25
Beira-Mar	30	7	9	14	33-57	23
Montijo	30	7	9	14	30-47	23
Leixões	30	4	15	11	15-31	23
Atlético	30	3	9	18	23-68	15

EM VÁRIAS MODALIDADES

ANDEBOL

● Principiou a disputar-se a «Taça de Portugal». Nos jogos da primeira eliminatória (cujos resultados completos contamos poder divulgar na próxima semana), as turmas da cidade de Aveiro alcançaram expressivos triunfos: no sábado, o S. BERNARDO impôs-se, por 35-15 (17-8, ao intervalo) ao Atlético do Balio; e, no domingo, o BEIRA-MAR derrotou, por 38-6 (18-1, ao intervalo), o Lousanense.

Na segunda eliminatória, marcada para amanhã, o sorteio programou os encontros Sporting de Espinho - S. BERNARDO e BEIRA-MAR - Leixões.

● No sábado, à tarde, a segunda jornada do Campeonato Nacional de Juniores, com jogos disputados em Aveiro, no Pavilhão do Beira-Mar, proporcionou os seguintes desfechos, na Zona Norte:

Porto, 15 - Académica de S. Mamede, 12 e Beira-Mar, 9 - Francisco d'Holanda, 21.

A prova termina amanhã, em Guimarães, com os encontros Académica de S. Mamede - Beira-Mar e Francisco d'Holanda - Porto.

ATLETISMO

Em organização do Grupo Desportivo do Bairro do Alboi, teve lugar, no passado domingo, o **II Grande Prémio do Bairro do Alboi em Atletismo** — jornada de convívio, para crianças, em que tomaram parte 176 rapazes e raparigas.

As diversas provas — que concitaram muito interesse — tiveram lugar em percursos traçados no Largo do Conselheiro Queirós, mesmo no «coração» daquele típico bairro citadino. Esperamos poder divulgar os resultados das competições ,em número próximo.

BASQUETEBOL

Na ronda derradeira do Campeonato Nacional de Juniores, na Zona Norte, registaram-se os seguintes desfechos:

Ac.º Porto - Leixões	94-74
SANJOANENSE - BEIRA-MAR	68-49
Ginásio - Naval	75-81
Desp. Covilhã - Ac.º Coimbra	54-95
GALITOS - Gaia	56-51

Ficaram apurados para a fase final da prova as turmas do Académico de Coimbra, Académico do Porto, Gaia e GALITOS (Zona Norte), Atlético, Barreirense, Benfica e Sporting (Zona Sul).

FUTEBOL

● Na fase final do Campeonato Nacional da II Divisão, disputaram-se duas jornadas, que proporcionaram estes desfechos: FEIRENSE, 0 - Riopele, 0 e FEIRENSE, 4 - Marítimo, 1.

Nas próximas jornadas defrontam-

Continua na pág. 6

III Torneio dos Mártires da Liberdade

Como noticiámos já, na devida altura, disputou-se em 15 de Maio último o *III Torneio dos Mártires da Liberdade* — competição organizada pela Comissão de Natação da Associação de Desportos de Aveiro e em que participaram à volta de oitenta nadadores de Coimbra (Clube Académico e União), Figueira da Foz (Ginásio), Porto (Fluvial e Leixões)e de Aveiro (Selecção constituída por elementos do Galitos e do Sporting de Aveiro).

Registamos, hoje, os resultados técnicos das provas realizadas — onde foram batidos diversos *records* regionais, o que, sem dúvida, é bom sintoma, prenunciando o impulso decidido que procura dar-se para o desejado renascimento da natação aveirense.

Eis as marcas verificadas:

400 metros-livres — masculinos

1.º — Paulo Ramos (Fluvial), 4.43.2, 2.º — Paulo Eduardo (Fluvial), 5.20.3, 3.º — Francisco Santos (Académico), 5.29.2, 4.º — Rui Maia (Leixões), 5.47.2 5.º — Luís Peres (Aveiro), 5.53.6, 6.º — Delfim Sardo (Aveiro), 5.58.3, 7.º — Eugénio Silva (Aveiro), 6.11.0, 8.º — Jorge Quinteiro (Ginásio), 6.33.6

NATAÇÃO

400 metros-livres — femininos

1.ªª — Maria João Quintas (Fluvial), 5.28.0. 2.ª — Isabel Cardona (Académico), 5.57.7. 3.ª — Paula Borges (Aveiro), 6.27.2 — **record** de infantis. 4.ª — Manuela Galante (Leixões), 6.30.3. 5.ª — Maria Manuel Barbosa (Aveiro), 6.40.0.

200 metros-estilos — masculinos

1.º — Pedro Matias (União), 2.31.0. 2.º — João Freitas (Fluvial), 2.35.1. 3.º — António Cipriano (Académico), 2.55.2. 4.º — Bério Marques (Aveiro), 3.00.4. 5.º — Paulo Silva (Leixões), 3.05.9. 6.º — José Poeta (Ginásio), 3.24.4. 7.º — Luís Barroca (Aveiro), 3.29.0.

200 metros-estilos — femininos

1.ª — Paula Santana (Fluvial), 2.43.7. 2.ª — Adelaide Melo (Académico), 2.51.5. 3.ª — Emília Peres (Aveiro), 3.07.0 — **record** de juniores.

Continua na pág. 6

Batalhão de Infantaria de Aveiro

Campeão de Futebol de Cinco

No passado mês de Maio, disputou-se, na Guarda, com a participação de cinco equipas, a fase sub-regional do Campeonato Militar de Futebol de Cinco da Região Militar do Centro — tendo conquistado o primeiro lugar o grupo representativo do Batalhão de Infantaria de Aveiro.

Concorreram à competição as equipas do R.I.V. (Regimento de Infantaria de Viseu),, do R.I.C.B. (Regimento de Infantaria de Castelo Branco), do E.L.C. (Esquadrão de Lanceiros de Coimbra), do B.I.G. (Batalhão de Infantaria da Guarda) e do B.I.A. (Batalhão de Infantaria de Aveiro).

Os militares aveirenses, nos encontros que disputaram, alcançaram os seguintes desfechos: 3-3, com o R.I.C.B.; 7-5 com o R.I.V.; 2-4, com o B.I.G.; e 4-2, com o E.L.C. — tendo a classificação final ficado assim ordenada: 1.º — Batalhão de Infantaria de Aveiro. 2.º — Regimento de Infantaria de Castelo Branco. 3.º — Regimento de Infantaria de Viseu. 4.º — Batalhão de Infan-

Continua na pág. 6

Desde 18 de Março até 7 de Maio findo, os nadadores aveirenses bateram nada menos de 73 records regionais — subindo a lista para 80, com as marcas superadas no decurso do III TORNEIO DOS MARTIRES DA LIBERDADE. É prova, insofismável, de nítidos (ainda que lentos...) progressos — facto que nos cumpre relevar. E merece, ao mesmo tempo, uma referência especial a circunstância do jovem e promissor

FERNANDO ELÍSIO da Silva, do Sporting de Aveiro, elemento com grandes possibilidades de novos cometimentos, ter baixado o tempo regional dos 100 metros-bruços, de 1.24.60 para 1.22.60 — passando a ser titular desse record, **imbatido desde há quase vinte anos! (sendo, antes, pertença do internacional Vasco Naia, do Beira-Mar).**